



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Moda Conceitual e Sustentabilidade: Análise do Ensaio Fotográfico *A Estilista No Lixo*, no lixão de Jaguarari (BA)¹

Murilo Melo Christino²
Universidade do Estado da Bahia
Kalline Flávia Silva de Lira³
Universidade do Estado da Bahia
Ítalo Anderson dos Santos Araújo⁴
IFsertãoPE

Resumo:

Este estudo analisa o ensaio *A Estilista no Lixo*, produzido no lixão de Jaguarari (BA), adotando as categorias bakhtinianas de *vozes sociais*, *enunciado concreto* e *heterodiscurso* para compreender cada fotografia como ato estético e político. O processo de sua elaboração consistiu-se na seleção e leitura crítico-dialógica das imagens, observando como o vestido feito de fitas VHS e sacos plásticos, produz narrativas visuais de resistência, educação ambiental e reexistência no Semiárido. No encontro entre corpo, lixo e espaço, a fotografia se torna um espaço simbólico de choque de sentidos, reinvenção e denúncia às lógicas capitalistas do descarte.

Palavras-chave: Fotografia; Enunciado concreto; Vozes sociais; Heterodiscurso; Resíduos sólidos.

O Nordeste, o Semiárido e a Bahia, territórios de sol, criatividade e resistência, abrigam paisagens onde a moda conceitual se faz linguagem. É nesse chão que esta análise se ancora, para revelar, pela fotografia, as múltiplas camadas do sensível e do político. O que a objetiva não é apenas imagem, mas memória, gesto, diálogo entre mundos que se cruzam, o da moda conceitual, da sustentabilidade, da fotografia. Cada fotografia analisada aqui é uma fresta que ilumina as relações entre estética e sustentabilidade, entre descarte e criação.

A autora que inspira esta pesquisa é Fátima Melo, pedagoga, professora de Geografia, artista e poeta jaguarariense que transita entre a moda conceitual

¹ Trabalho apresentado no GT-2: Fotografia Contemporânea

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e-mail: murilo_meloc17@hotmail.com;

³ Professora do Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Docente da Graduação em Psicologia, da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), e-mail: kalline.lira@univasf.edu.br

⁴ Professor EBTT – IFsertãoPE, Doutorando do Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e-mail: italo.anderson@ifsertao-pe.edu.br



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



proveniente do lixo e a sala de aula, entre a poesia e a costura. Sua trajetória atravessa a década de 1990, quando, em Jaguarari, organizava desfiles de moda conceitual com materiais descartados, transformando o que era chamado de lixo em moda conceitual, denúncia e provocação estética. Fátima, com sua arte insurgente, questiona o consumo, o descarte e a forma como olhamos o mundo.

Nessa tessitura, a fotografia é concebida como palco para o diálogo entre matéria e criação, entre o humano e o ambiente, entre o que se descarta e o que se reinventa. Como ensina Bakhtin (2003) e reforça Faraco (2017), o sentido nasce na relação, na fricção entre *vozes sociais*. Assim também nasce a imagem: no diálogo entre o sujeito e o território, entre o luxo de um vestido feito de resíduos sólidos e um lixão a céu aberto.

A análise das fotografias foi conduzida a partir das categorias bakhtinianas de *vozes sociais*, *enunciado concreto* e *heterodiscurso*. Cada imagem foi compreendida como um *enunciado concreto*. A fotografia, neste contexto, apresentou-se como um ato estético e político, capaz de produzir narrativas visuais que questionam, educam, denunciam, propõem. E o que se revela no instante da captura é mais do que um retrato, é o reflexo da pluralidade de um Nordeste que cria e se reinventa. Dessa forma, este estudo propõe analisar os entrelaçamentos entre o lixo, a arte, a moda conceitual e a sustentabilidade a partir de fotos do ensaio fotográfico *A estilista no lixo*, feito com a artista Fátima Melo.

Nas fotografias registradas no lixão a céu aberto de Jaguarari, o olhar se confronta com a matéria bruta da existência. O lixo ao fundo, plástico, ferro, papel, torna-se cenário e signo: uma espécie de *enunciado concreto* que, nas palavras de Bakhtin (2003, p. 272), “é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. O vestido, a artista que o veste, a professora de Geografia que o veste, e a própria fotografia, então, tornam-se respostas, denúncias, protestos, possibilidades à crise ambiental, enquanto tensionam a fronteira entre o belo e o sujo, entre o requintado e o resto.

A figura da mulher estilista, vestindo um vestido tricotado de fita VHS, com duas flores vermelhas tricotadas com sacos plásticos, irrompe nesse cenário como contraponto estético, ambiental, estilístico, artístico e político.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Em uma das fotografias mais emblemáticas da série, a mulher estilista surge de pé sobre o solo irregular do lixão a céu aberto da cidade de Jaguarari, envolta por um vestido negro que brilha prateado, tricotado com fitas VHS, cujas tiras refletem a luz do sol (Figura 1), estabelecendo uma tensão estética que, como afirma Fiorin (2019), promove “choque de sentidos” e faz emergir a pluralidade das *vozes sociais*.

Figura 1 - Ensaio Fotográfico *A estilista no lixo*, lixão de Jaguarari (BA).



Fonte: Registro do autor, 2024.

Na fotografia, o cenário revela um campo simbólico onde a arte confronta a realidade. O lixão de Jaguarari, com seus montes de resíduos em putrefação, texturas e cores, transforma-se em palco para criação de sentidos. É ali que a artista se posiciona, entre o peso da matéria descartada e a leveza do gesto criador. Cada detalhe anuncia a potência estética e política da imagem que se segue.

Fátima veste o discurso de uma arte que se recusa a silenciar, que dá ao lixo dignidade de matéria-prima, de obra de arte, de moda conceitual, à mulher nordestina seu protagonismo criador, e à moda seu papel de linguagem crítica. O vestido, feito



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



de resíduos sólidos (Figura 2), é um *enunciado concreto* que responde à cultura do descarte com reinvenção e criatividade.

Figura 2 - Ensaio Fotográfico *A estilista no lixo*. Jaguarari/BA.



Fonte: Registro do autor, 2024.

Ostrower (1999), diz que a criação nasce no entrelaçamento entre indivíduo e cultura. Fátima, ao dar destino estético e artístico ao lixo, cria a partir do improvável, reinventando a estética do possível. O *heterodiscurso* das imagens revela um diálogo polifônico onde o vestido fala em denúncia, o ambiente responde e corrobora e a fotografia testemunha. Na fotografia, esses discursos se cruzam, compondo uma imagem que é simultaneamente denúncia e celebração: o lixo não mais como resto, mas como matéria-prima para moda conceitual, para arte, para a sustentabilidade.

Ao mesmo tempo, a fotografia questiona. O observador é provocado a reconhecer-se parte da cadeia de consumo e descarte que alimenta o cenário. Como lembra Danto (2015), a arte possui o poder de transformação e aqui, a transformação vai do material ao olhar. O resíduo, ao ser vestido e fotografado, perde sua condição de resto e dá forma ao inacabamento da obra, superando o sentido do material. Quem o observa, é deslocado do conforto estético consumista para o incômodo ético.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



As imagens feitas de Fátima Melo no ensaio fotográfico *A estilista no lixo*, constituem atos de resistência, onde o lixo, o corpo e o ambiente se fundem em uma mesma tessitura simbólica. No diálogo entre arte e sustentabilidade, entre moda e território, a fotografia se torna o lugar onde a moda conceitual fala e, ao falar, transforma. A obra de Fátima Melo é uma resposta concreta à lógica do descarte. O vestido tricotado de resíduos como a fita VHS (Figura 3), carrega a denúncia de um sistema, tensionando a lógica do consumo.

Figura 3 - Ensaio Fotográfico *A estilista no lixo*. Jaguarari/BA.



Fonte: Registro do autor, 2024.

Como lembra Melo (2017), a forma nasce do conteúdo: o trançado metálico, reluzente sob o sol do lixão, não é apenas estética. Cada fio negro que se entrelaça no corpo da artista revela uma recusa à obsolescência programada que rege o capitalismo tardio. O corpo vestido de lixo confere ao resíduo uma estética artística e, nesse gesto, refaz a costura entre natureza, estética, cultura e sentido.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Ao situar-se diante do lixão de Jaguarari, a artista não apenas modela, mas confronta. A cena tensiona o olhar do espectador, provocando um olhar sobre a insustentabilidade do modo de existir. O lixo é mais do que plano de fundo; é personagem, é símbolo, é interlocutor. Como afirma Berlim (2020), moda e sustentabilidade podem parecer paradoxais, mas o paradoxo é justamente o campo de criação onde o novo sentido emerge. O vestido, feito de resíduos sólidos fala de exageros, efemeridade; a mulher, sobre o entulho, luxuosa, veste denúncia visual e sensorial contra o modelo que transforma recursos em lixo.

Fátima ocupa um lugar de posicionamento. A artista, professora, estilista do semiárido, atua como ponte entre o lixo e a beleza, entre o descarte e a reinvenção. Seu gesto é pedagógico e político, a fotografia é uma aula a céu aberto sobre o poder transformador da arte, da moda e a urgência da sustentabilidade.

A moda conceitual de Fátima Melo não se limita à criação de roupas; ela formula uma crítica ao consumismo e à insustentabilidade capitalista, devolvendo à moda conceitual e à arte, sua função social. Em tempos de saturação imagética, as fotografias propõem um outro tipo de imagem, uma imagem que não vende, mas adverte; que não enfeita, mas denuncia; que não reproduz, mas recria o mundo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BERLIM, Lilyan. **Moda e sustentabilidade**: uma reflexão necessária. Rio de Janeiro: Estação das Letras, 2020, 160p.
- DANTO, Arthur C. **O abuso da beleza**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2017.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- MELO, José Radamés B. de. **Vozes sociais em construção**: dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre Diário do hospício, O cemitério dos vivos, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais. 2017. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150922>. Acesso em: 16 out. 2021.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.